



Dos diferentes caminhos para a paz mundial, um deles passa pela arte e religião

Among the different paths for world peace, one of them passes through art and religion

Por **Maria Cristina Pratis Hernández**

Mestre em Organizações e Desenvolvimento (FAE-PR)

mcpratis2004@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar um escopo teórico, baseado em uma revisão bibliográfica, em que a relação entre arte e religião tem o seu reflexo na doutrina da fé e na concepção de mundo distintos, entre as religiões do tipo de comunidade de obediência, e as religiões do tipo de comunidade de vontade. De maneira que uma civilização baseada em uma ciência humanizada permite perceber a principal virtude da arte, que é a busca da verdade. E com isso cria possibilidade para uma religação entre os povos.

Palavras-chave

Ser humano. Arte. Razão. Religião.

Abstract

This paper aims to present a theoretical scope, based on a bibliographical review, in which the relationship between art and religion has its reflection on distinct doctrines of faith and worldviews, between religions of community of obedience and religions of community of will. So, a civilization based on a humanized science allows seeing the main virtue of art, which is the search for truth. And this creates the possibility for a reconnection among people.

Keywords

Human Being. Art. Reason. Religion.

Introdução

A arte é uma das instituições sociais primárias em que pode ser compreendida como uma manifestação simbólica da vida. A importância sociológica da arte e das obras de arte reside no fato de que são manifestações de uma psique coletiva que, mediante a obra artística, une o artista criador com o seu público. Por meio de uma subjetividade consciente, a arte eterniza uma cultura e seu momento histórico. Possibilitando haver uma proposição de uma estética entre arte e vida.

O ser humano é feito historicamente através do conhecimento que é provocado pelas sensações, ele chega ao mundo inteligível. Onde o valor de todo objeto é subjetivo. Por meio de ações curiosas e supérfluas, o ser humano descobre suas capacidades. A metafísica se preocupa com o universal do ser humano, isto é, o ser no mundo, dele mesmo e a sua civilização. Portanto, uma

civilização depende da mente e da vontade das pessoas.

A partir de Hegel, o existencial passa a ser o tema comum, na modernidade, mas contraditório deu ênfase ao indivíduo em detrimento do coletivo, provocando uma fragmentação nas relações humanas, tanto interpessoais quanto grupais. E o ser humano fica condenado a se religar com os demais seres na Terra.

O ontológico do ser humano

O ser humano é um ser em construção, faz-se eternamente. A vida é criar, dar existência. Posteriormente, é a ciência que diz quem é o ser humano. Conhecer o ser humano é **predicar**, isto é, explicar o porquê do ontológico do ser humano. São os atos praticados pelo ser humano que o definem. A principal função da filosofia é conhecer o momento presente. Mas a vida é metafísica, porque é nela que o mundo é dado e vai dizer o que ele é. A filosofia cuida da metafísica, tendo em

vista que vai ela ocupa-se com o existente concreto, quer dizer, o *Dasein* (o ser aí).

Dentro da concepção da ontologia do “não ser ainda” de Ernest Bloch, a propriedade ontológica do ser humano consiste em viver na direção do futuro, como Heidegger interpretava. Sem que esse futuro necessite ser um fim que supere o passado. Nesse caso, a arte não mais aparecerá como “solução prematura para contradições sociais no jogo luminoso”, uma espécie de “divertimento ideológico de ordem superior”, Até porque, as chamadas “revoluções artísticas” deixam a descoberto a ambivalência que faz parte do ser humano.

O que é mais unívoco no ser humano, para o bem e para o mal, por vezes pode se destacar da ambiguidade, e aí temos contato com os santos e os monstros da humanidade. É fato que dizemos dos grandes facínoras que eles são “desumanos”, mas só seres humanos podem ser “desumanos”; os facínoras revelam a natureza humana tanto quanto os grandes santos. Portanto, deveríamos renunciar à ideia de uma “riqueza” da natureza humana, sonolenta, disponível, que só necessita ser liberada, “desatada” para então se mostrar, graças à sua natureza.

Para Sartre, a ideia parnasiana de arte pela arte foi uma fuga da burguesia provocada pelo desencantamento, em relação ao seu mundo no século XIX. Ele era fundamentalmente moralista, se tomarmos por princípio que não existe moral se não houver deliberação.

A arte, a estética e o belo

As formas de arte são uma representação da sua contemporaneidade. Por isso, a arte segue o destino de Sísifo, quando termina, recomeça de novo. Então para entendê-la é preciso ir atrás de um real e com a intenção de interrogar o porquê da arte. No entanto, o real surge sob todas as suas formas e toma o lugar da ilusão e das convenções da representação.

Para Bloch,

a arte é uma possibilidade do pensar de uma maneira totalmente diferente, pois a forma se constrói na mente. A arte é uma obra humana

e por isso retém o próprio presente absoluto – nenhum passado, nenhum futuro, nenhuma promessa, nenhuma posteridade, melhor ou pior, nenhuma prefiguração de nada, mas a aparência intemporal em si. Essa é a “utopia” mais além do “ainda não”. Mas ela tem um compromisso com a verdade. Porém é a verdade constituída.¹

Enquanto Baudelaire concebe a arte como tendo dois lados: um, o eterno e imutável, e o outro, a mudança, onde ocorre a metamorfose. Se levarmos em consideração que, a literalidade está na presentidade da obra. É o aqui e o agora. É quando e onde ocorre a construção do ideal de belo. Toda arte é conceitual e está presa na estética, no ideal de beleza. Quando a obra de arte perde o significado, ela perde a sua narrativa. A obra de arte não é para ser lida no sentido literal. Não há obra fora do seu contexto, e ela nunca é neutra. Quando a arte fica somente conceitual, ela acaba perdendo o seu significado. As artes são sempre transformações, violentas ou não. E é possível haver uma proposição de uma estética entre arte e vida.

Sobre a estética

A palavra estética é alemã e foi criada no século XVII, mas foi Hegel que a tornou conhecida. Para o grego antigo, a beleza é a perfeição. Mas a ideia de estética sempre existiu na cabeça dos seres humanos. Tanto que no diálogo do Banquete, Sócrates coloca que devemos procurar o belo na forma. Enquanto Platão vê o entusiasmo no poeta, “porque ele tem um deus dentro de si”. Este filósofo partia do pressuposto que a alma teve uma existência supraceleste, de maneira que temos guardado conosco a ideia do belo como sinônimo de bom. Por isso, o pensamento é todo sentimento. Mesmo uma anti-estética seria uma outra estética.

Para Kant, a verdade passa pela estética. Para ele há duas fontes do saber que o ser humano possui: a primeira, é a fonte da razão, ligada a Apolo, e a segunda, é a fonte da sensibilidade, ligada a Dionísio. De forma que a estética não pode ser vista separada da ética, pois

¹ BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EdUERJ/Contraponto, 2005. v. I.

a estética ensina o caminho pelo qual o efeito do belo é atingido, dá as regras às artes, segundo as quais elas devem criar o belo. A metafísica do belo, entretanto, investiga a essência íntima da beleza, tanto no que diz respeito ao sujeito que possui a sensação do belo quanto ao objeto que a ocasiona.²

O primeiro grande momento da Estética foi o período grego de Platão. O segundo momento foi o grande período rural grego e o terceiro momento, foi o industrial, teoricamente, construído por Hegel. É o que se chamaria de Estética científica.

Sobre o Belo

Para Hegel, a verdade está na ideia. Há uma questão platônica a ser levada em consideração, que é colocada da seguinte forma: se você experimentou a beleza, você está condenado à morte. A arte está vinculada ao belo. O belo está posto dentro de um sistema de poder, por isso o belo é ideológico.

A problemática da arte pode ser apresentada da seguinte forma: 1º) moral e ética; 2º) o belo se envolve com a estética e 3º) Segundo Vasari, passaram a ligar a questão do belo ao divino. No entanto, a arte segue três rumos: primeiro, como produto de uma sociedade, fazendo surgir a Sociologia da Arte. O segundo, como produto do sujeito, fazendo surgir a Psicologia da Arte. E terceiro, é uma questão de forma, onde os estilos se destacam, e Wölffing classifica-os de clássico ou barroco. E até mesmo a não forma já é uma forma.

Para Kant, o conhecimento é provocado pela sensação, que nos leva ao mundo inteligível. Onde o valor de todo objeto é subjetivo. De forma que se abre para uma fenomenologia. Já Aristóteles colocava a mente como imagem ou espelho da realidade. Será o intelecto um signo divino? A associação da pintura e da arte com a verdade, onde o desenho ou a ideia estão implícitos, sempre foi problemática. Os artistas em vez de “representar” algo, eles inventam elementos visuais que funcionam como índices, isto é, um conjunto de schematta, que são dispostos em uma pintura.

A arte é uma linguagem, isto é, um discurso. Nesse caso, a semiótica passa a interpretar tudo como linguagem. E ela nos dá um caminho para entender as construções humanas, tendo em vista que o ser humano é um construtor de linguagem.

Onde está o Belo que nos conduz à reflexão interior, ao mundo das ideias?

Na visão de Hegel, a arte conduz o ser humano ao transcendental, ao espiritual, à religião e à filosofia. Já em Aristóteles, a função docere da arte se destaca, porque a arte conduz ao conhecimento. Mesmo que em alguns escritos de marxistas pode-se inferir que a arte aliena, Benedetto Croce vai no mesmo sentido de Aristóteles. Para Lukács, a arte é “reflexo da realidade” porque é a expressão da autoconsciência da humanidade em dado momento histórico.

A filosofia, assim como a arte, possui uma função moral-pedagógica que não, necessariamente, funciona como propaganda manipuladora. Na visão de Sartre, a arte pode ser usada como benefício da ideologia, na medida em que a metafísica implica em uma moral e em uma política. Apesar de que a metafísica tenha mais parentesco com a ciência do que com a arte. Onde os conceitos de prazer, arte e verdade possuem comunicações entre si. Para Sartre, a arte tem um estatuto, pois ela diz a verdade do que é o mundo.

Apesar de que é a ciência que cuida do universo, mas foi a partir de Kant que a filosofia se aproximou mais da arte do que da ciência, tendo em vista que a filosofia se transformou e adquiriu novos conteúdos. Isto devido ao fato de que ela tem que se aproximar da vida concreta e absoluta.

Mas foi Schopenhauer quem melhor exprimiu o que é belo, quando nos coloca que a “música recomendo a todos a fruição dessa arte, antes de qualquer outra. Nenhuma outra arte faz efeito tão imediato e profundo sobre o homem, já que nenhuma outra nos permite conhecer tão profunda e imediatamente a essência verdadeira do mundo”.³

² SCHOPENHAUER, A. *Metafísica do belo*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 24.

³ SCHOPENHAUER, 2003, p. 228.

A passagem do medievo para o moderno e o seu reflexo na arte religiosa

A partir dos séculos XI e XII, a Igreja se internacionaliza. E os grandes sacerdotes vinham de todas as partes da Europa. E esse internacionalismo estendeu-se pela arquitetura, a escultura, etc. Mas foi a partir do século X que passam a representar o sofrimento de Jesus Cristo na cruz.

Trabalhadores grandiosos e sem a técnica mecânica de hoje em dia conseguiram construir igrejas suntuosas. Pois acima da labuta diária, acreditavam em uma grande inteligência racional – Deus, o Demiurgo. “Deus é o grande arquiteto”, baseados nesta ideia, esses homens se inspiravam para executarem suas obras. Além do mais, as palavras-chaves como: Misericórdia, Caridade e Esperança estavam nas mentes das pessoas daquela época. Como por exemplo, da de S. Bernardo que deformava a formosura e tornava formosa a deformação, em suas esculturas. Para ele, o poder da arte residia no fato em si. Sentia mais inspiração em apreciar e contemplar o mármore do que ler manuscritos divinos. Era um modo de vida voltado ao ideal da eternidade.

A mentalidade medieval preocupava-se com a verdade, mas sem ter muito cuidado com as provas. Ademais, a intensa atividade intelectual impedia que a Europa se tornasse estática, fazendo com que surgissem as cruzadas. Tanto que para Pedro Abelardo era preciso antes entender, para depois questionar.

Estilos artísticos religiosos

O estilo já é uma situação que não deixa de ser um conceito metafísico. Portanto, religioso todavia é mais preciso. Nesse período, é o gótico que se destaca.

A arte gótica é uma invenção e uma proeza de ordem técnica. Com ela, inventa-se um sistema de construção, até certo ponto pré-fabricado. O gótico se expandiu para o Norte da Europa. E a arte gótica é a arte dos godos. Efetivamente é uma arte do Norte e não conseguiu penetrar na Europa do Sul e quando consegue é tardio e insatisfatório. É importante observar que as descobertas da pintura

a óleo, da ótica, da perspectiva são criações medievais. E essas técnicas foram vastamente aplicadas. Fazendo com que as catedrais góticas se tornassem hinos à luz divina.

Na baixa Idade Média, a Igreja católica se integrou ao sistema bancário e como consequência, muitos dos seguidores de São Francisco acabaram na fogueira, por terem feito voto de pobreza, coisa que o capitalismo não permite. Tendo em vista, que possuíam o princípio que “para libertar o espírito é preciso que tivesse de desfazer das posses.” Além de acreditarem na unidade da criação e da fraternidade universal. E esta é uma crença comum a todas as religiões, tanto as do oriente quanto as do ocidente. O irônico é que este pensamento se espalhou pela Europa.

São Francisco pertencia ao gótico, o cavalheiresco, o vitral, transcendental, quase irreal. Mas paralelo à vida de São Francisco, outro mundo estava nascendo. Com o crescimento urbano, com um novo sistema social e econômico. Era um mundo de comércio, dos bancos, pré-capitalista. Portanto, era um mundo real. Onde a figura do negociante italiano, protetor das artes, mas não era nada generoso com os seus empregados.

Durante a Idade Média tardia, tudo era feito para durar, na Europa Setentrional. Mas o século XVI foi um século de renovação. E havia aqueles que estavam em busca de uma verdade e, além disso, a Igreja Católica que antes era tão atuante, naquele período estava corrompida demais. E como consequência surge uma Reforma Religiosa.

Na Itália, a revelação do espírito vinha através da imagem, já no norte da Europa a expansão da mente era através da palavra escrita. E a imprensa, nesse caso, trouxe mais benefício. Mesmo com a imprensa possibilitando a milhares de leitores, em toda Europa ter acesso ao pensamento erudito. Todavia era uma minoria alfabetizada que usufruía desse benefício. Além disso, até quase o final do século XIX era comum fazer leituras em grupos. Portanto, era opinião de uma minoria que prevalecia sobre os demais. A tradução da Bíblia para um alemão clássico e que estava sendo formatado como língua, naquela época, dificultava com isso, o acesso dos conhecimentos bíblicos à maioria da população inculta. Mas àqueles que

tinham acesso à Bíblia, poderia fazê-lo sem intervenção da Igreja.

A arte e civilização

Responder à indagação sobre o que é civilização sempre envolve o aspecto material de determinadas culturas, principalmente do ponto de vista do conforto. Mas, o mais intrigante é que civilização significa algo mais que energia, sendo que os requisitos necessários para uma civilização são: energia intelectual, liberdade de pensamento, senso de beleza e espírito de iniciativa. Podemos dividir em dois tipos de comunidades civilizacionais que são as seguintes:

Comunidade de Obediência – onde o princípio é o feminino, que gerou as civilizações como a do Egito Antigo, a Católica, as da África Meridional.

Comunidade da Vontade – o princípio é masculino. Ela é mais destrutiva e elimina a figura feminina, por considerar uma relíquia. Exemplos são: o judaísmo, islamismo, protestantismo. Destruíram as imagens e tudo que fosse belo ou coisa que refletisse o belo e também os valores aristocráticos. Atitudes típicas dos seguidores de Lutero, que em sua maioria eram pessoas pouco esclarecidas. Porém, Lutero, como era um homem esclarecido, não admitia tais atitudes.

Princípios femininos e masculinos são importantes, pois devem estar em equilíbrio. Quando as mulheres e os homens se reúnem, separadamente, cai o nível de civilização. E a concepção de civilização ocidental foi basicamente uma energia criada democraticamente na Igreja. E como as expressões de civilização dependiam da Igreja Católica, surgiu uma nova civilização, não a da imagem, sim, a da palavra. Os reformistas usavam a Bíblia para encontrar a verdade. A mente humana ganhou uma nova forma de ver vida, com a Reforma Religiosa e deu origem a uma nova civilização.

No renascimento, os fiorentinos tiveram o poder de tornarem visíveis os seus pensamentos. Como por exemplo: “se quiser o homem pode tudo” ou o pensamento de um financista do século XV: “o que vendemos é o nosso trabalho, porque a mercadoria só muda de mão”. Mas mesmo assim, os arcos renascentistas das catedrais são valorização

do ser humano. Como se de algo forte emergisse a suavidade e a beleza. Onde o princípio da perspectiva fosse o símbolo do lugar do ser humano e a sua importância na vida. Mas com a valorização da razão e da beleza.

A paisagem natural exercia uma grande influência na mente dos artistas renascentistas, pois eles viam o campo como o paraíso terreno. E a consciência da natureza não está só no desejo de fuga psíquica, pois conjugando natureza com as informações antigas, eles tiveram novas imaginações. Situação que hoje em dia, chamaríamos de **inovação**.

Mas em contrapartida, os Papas eram homens de capacidade incomum. De forma que a Contra-Reforma não fez acordo com os protestantes, ao contrário, deu ênfase às crenças católicas. E além disso, os artistas do século XVI eram muitos religiosos, mas não temiam o corpo humano. Por tudo isso, a Igreja deu impulso às aspirações do corpo humano. Toda essa expressão de energia baseava-se na crença da fé que deveria governar a vida do ser humano. E isso acabava influenciando os artistas.

Harmonizar, humanizar e civilizar são os mais profundos impulsos da gente comum. Tanto que a arte barroca é uma arte popular e que procurava atrair o máximo de público. Mesmo que os palácios dos papas fossem símbolos de ganâncias e de exuberâncias visuais, cujo senso de grandiosidade levado ao extremo, tornava-se desumano.

No século XVII, as pessoas ficavam cada vez mais ricas, mas os quadros ficavam cada vez menos bonitos, mas contudo belos, até porque utilizavam a investigação científica na pintura e, também, na música. Com utilização da luz e sombra e esta técnica acabava em poesia, que veio influenciar o cinema até na década de vinte do século passado. A matemática tornou-se uma espécie de religião para os intelectuais da época. E era também a base para o entendimento humano.

No entanto, o triunfo da forma racional, dialeticamente, conduziu a uma forma de barbárie. Tanto que no início do século XVIII, a arte religiosa que era importante, no entanto, os calvinistas chegaram a proibirem os órgãos nas

igrejas e até destruíram muitos deles, por considerarem uma expressão de orgulho. Os nórdicos demoraram a sair de um estado de espírito bárbaro. O norte estava repleto de pequenos tiranos.

É difícil definir a civilização, mas é fácil distinguir a barbárie.

O culto da natureza

Durante mil anos, a principal força da civilização foi o cristianismo. Mas quem tomou o seu lugar foi a natureza. E o primeiro país do mundo a substituir o culto do cristianismo pelo culto da natureza foi a Inglaterra e isso durou mais ou menos cem anos. As ruínas da fé passam a fazer parte da natureza. Os jardins ingleses foram a resposta emocional. Um pseudo-naturalismo perdurou até o início do século XVIII. Essa concepção influenciou a alguns intelectuais importantes, que davam uma abordagem ética com característica religiosa e moral à natureza. Era uma nova religião anti-hierárquica e que não possuía um caráter aristocrático como das religiões tradicionais.

Na fase constitucional da Revolução Francesa, queriam uma nova religião, descristianizada. Mas, no entanto, houve um recuo dos pensadores da Revolução. No século XX, a **Religião do Dinheiro** acabou criando um novo evangelho. Nesse materialismo heróico, Nova York foi criada como uma cidade celestial, vista à distância.

E em nossa época estamos entorpecidos com as imagens dos horrores das guerras e das misérias. Apesar de que a miséria e a escravidão serem anti-civilizatórias, mas as contradições fazem parte das civilizações. A partir de Einstein, a ciência toma outro sentido. As máquinas, tanto as armas quanto o computador, podem ser meios pelos quais os regimes autoritários ou grupos de interesse podem manter pessoas sob o seu jugo. Até porque os interesses mercantilizáveis predominam sobre os demais.

Antes do futurismo, as artes simbolizavam o campo, a tranquilidade. Já com o futurismo, é a cidade, o barulho, a velocidade que vai ditar as normas. Tudo na arte é convenção. Para pintar uma figura, basta criar a atmosfera.

A arte da segunda metade do século XX e do início deste XXI carrega em suas imagens uma imagem do mundo problemática e esquiva. Misto de sombra e luz, da caverna platônica e da internet. Onde há fragmentos e pulverizações. Para Platão, a questão da beleza só faria sentido quando ligada à questão da verdade do bem. Mas é possível uma estética hoje?

Mas a civilização ocidental tem sido uma sequência de renascimento.

A arte e a religião

“Para libertar o espírito, é preciso que tenhamos de nos desfazer das posses”, com esse pensamento que era muito comum na Idade Média, atualmente, a religiosidade cresceu a tal ponto que inunda a prática da fé e ameaça afogá-la no emocional, no festivo e no carismático. E muitas vezes financeirizados. Por esse motivo, que em

relação à religião, mais do que nunca nós sofremos sob a carga da superinformação. O problema não é a coleta de material, mas a sua avaliação e a interpretação de seu sentido. Para realizar isso, necessita-se da força da visão geral, a visão para o que é essencial e a diferenciada capacidade de discernimento.⁴

Por mais que a informação seja necessária, o difícil é encontrar uma forma de entendimento e cooperação religiosos tendo em vista que isto é necessário para paz entre as religiões e, por extensão, a paz entre as nações. De forma que possa haver uma religião unitária ou universal que vá ao encontro com a essência que há em cada pessoa, isto é, a espiritualidade. As religiões mundiais são supraindividuais e transculturais.

Apesar das evidentes diferenças que existem entre as religiões, podemos reconhecer algumas convergências, abrindo uma possibilidade de diálogo entre elas. Conforme Küng coloca, “o objetivo de todos os nossos esforços não pode ser uma religião unitária, mas o verdadeiro apaziguamento das religiões”.⁵

⁴ KÜNG, H. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 198.

⁵ KÜNG, 2003, p. 203.

Para isso, é preciso levar em consideração alguns imperativos concretos, tais como: vivemos em mundo policêntrico, transcultural e multirreligioso entrelaçado por novas tecnologias de comunicação. De maneira que há uma necessidade de um entendimento religioso global.

Considerações Finais

A arte para os artistas gregos estava na esfera da narrativa, por se tratar de uma mimese, como os retóricos latinos denominavam, a arte era uma imitação da realidade, não a realidade em si mesma. A comunicação era feita através das imagens, e como estas imagens dão a ver o mundo de cada um. Ademais, as relações entre a pintura e a vida nunca foram imediatas ou diretas. A pintura é uma *coisa mental*. Se o mundo já era visto como pintura, não havia sentido em copiá-lo. A natureza está escondida atrás da pintura.

As imagens do mundo criadas pela pintura ou pela fotografia são do mundo porque elas se apresentam geralmente trazendo em sua estrutura lógica, como reprodutora de uma determinada visão de mundo. Onde as imagens atuam na transmissão de significados e conhecimento, muitas vezes absorvidos de modo inconsciente. Contudo, faz-se necessário saber discernir as relações entre as várias formas pelas quais a pintura e a arte se apresentam e o mundo de que elas procedem e ao qual se reportam.

Tudo o que se faz atualmente é uma forma de experiência. Mas, ao mesmo tempo, é uma forma de questionamento. A estética contemporânea é a estética da complexidade. A arte contemporânea se contaminou com o psicologismo. O sujeito está sempre presente.

Mas o “quadro” mundial se apresenta com fragmentações religiosas, isto é, as diversas minorias religiosas espalhadas pelo mundo, não deixa de ser um empecilho a ser levado em consideração. Para isso, é necessária uma nova visão geral religiosa. Onde homens e mulheres anseiem por realizar uma concepção de paz internacional. Esse diálogo espiritual exige dos interlocutores um sólido conhecimento não só de sua religião e cultura, de per si, mas o mínimo necessário de informações da cultura e religião do outro.

[Recebido em: dezembro 2010 e
aceito em: agosto 2011]